
REVISÃO DO PERCURSO HISTÓRICO DA PARTICIPAÇÃO DA LITERATURA FEMININA PALOP: DE 1940 A 2009

Review of historic pathway of women's participation
in the editorial market in PALOP between 1940 and 2009

Pedro Manoel Monteiro¹

RESUMO: Esta pesquisa é a primeira tentativa de sistematizar a revisão do percurso histórico da participação das mulheres no mercado editorial dos PALOP de 1940 a 2009. O trabalho ainda se encontra nos primeiros estágios, mas já indica algum caminho e permite a observação de resultado inicial relevante. Nos dias atuais somos impactados pela impressão de que houve um grande avanço na participação das escritoras africanas no mercado editorial desde a Revolução dos Cravos e um aumento significativo dessa participação nas décadas a partir da segunda metade do século XX, chegando aos primórdios do século XXI com resultados ainda mais dilatados dessa penetração num campo social dominado pelos homens, fato que não corresponde com a verdade científica. Sendo isto o que pretendemos demonstrar e discutir aqui.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Feminina; literaturas dos PALOP; revisão do percurso histórico.

ABSTRACT: This work is the first attempt to systematize the review of the historical pathway of woman's participation in the editorial market of PALOP, since 1940 until 2009. This work stills in early stages, but already indicates some way and allows the observation of relevant initial results. Today we are impacted by the impression that there was a major increase of woman's participation in the editorial market from the Cravos' Revolution and a significant increase of this participation in those decades beginning in the second half part of the twentieth century, reaching the early twenty-first century with further enlarged results of penetration in the social field dominated by men, a fact that does not correspond with the scientific truth. This is exactly what we intend to demonstrate and discuss now.

KEYWORDS: Feminine Literature; PALOP's literature; review of historic pathway.

Desde o seu princípio, o século XX apresenta-se como uma grande encruzilhada histórica, científica, ideológica, geográfica, econômica, artística e social, para dizer apenas o mínimo, pluralidade que justifica o recorte temporal de nossas observações. O final do século XIX marca uma transição científica e tecnológica que determinou o caráter ideológico do século seguinte. Na encruzilhada dos séculos XIX e XX, surgem as forças

¹ Docente da Universidade Federal de Rondônia, campus Porto Velho.

avassaladoras da energia elétrica, dos motores de combustão interna e da indústria aeronáutica (que após curtíssimos 60 anos evolui para indústria aeroespacial). Tais forças colocam a humanidade na era da velocidade (MONTEIRO, 2000, p. 23), num primeiro momento (até 1945); e na era da informação (pós-1945), num segundo momento. Notamos as radicais evoluções científicas ocorridas até o fim da Segunda Guerra Mundial, principalmente, no que tange aos processos de comunicação e de transporte tornados globais; surge daí o imediatismo das informações em que as notícias circulam em tempo real. É dessa sensação de evolução e velocidade que ficamos impregnados no século XX, porém, no que se refere à participação equânime da mulher nos mais variados segmentos da sociedade, embora sejam constatados avanços, em alguns contextos ainda não é possível verificar um salto quantitativo e qualitativo no mesmo período.

No mercado editorial, especificamente no contexto colonial e pós-colonial africano, a participação das escritoras africanas dos PALOP² ainda não foi estudada devidamente, permanecendo este conhecimento no campo da intuição. Tal constatação inquieta e justifica-se não apenas pela constituição do problema em si, mas também por sua inserção ocorrer num momento histórico conturbado, carregado de conflitos ao mesmo tempo regionais, nacionais, internacionais e globais, que acabaram envolvendo outras tantas forças antagônicas atuantes em sobreposições. Desse modo, a participação das mulheres no mercado editorial constitui-se em matéria bastante delicada e complexa. A mensuração dos números ora apresentada está no estágio inicial, portanto, este tema necessitará de trabalho de maior fôlego para ser tratado adequadamente.

Devido a fatores históricos amplamente conhecidos, apresentados acima, nas quatro décadas iniciais do século XX (de 1900 até 1939), a produção feminina nos PALOP é crescente, porém insipiente e só se torna significativa a partir de 1940. Essa constatação circunscribe, naturalmente, o período sobre o qual nos debruçaremos. Neste trabalho, adotamos o intervalo de 70 anos, compreendidos entre os anos de 1940 e 2009; dentro do qual se tornam basilares três momentos distintos: o colonial, o das Guerras de Libertação e o pós-colonial, cujo instante mais emblemático é Revolução dos Cravos porque não foi importante somente para a redemocratização de Portugal, sabidamente, mas também por ter marcado o fim do sofrimento causado por mais de uma década de guerras por independência (1961-1974); neste ato têm-se o fim do Estado Novo e o período de terror, morte, autoritarismo e de toda sorte de abusos instaurados através das ações da PIDE

² A partir deste momento por uma questão de opção de método e estilo ao tratar enunciarmos os termos “as escritoras dos PALOP” e “mercado editorial dos PALOP” suprimiremos o termo “PALOP”, quando possível, para evitarmos as repetições desnecessárias, pois está mais do que claro desde o título que trabalhamos na perspectiva literária circunscrita ao universo lusófono.

— Polícia Internacional e de Defesa do Estado e, finalmente, a consecução das independências das Ex-colônias Ultramarinas Portuguesas.

Portanto, desde o início da Segunda Guerra Mundial, estende-se o ciclo de conflitos ininterruptos até 1991; percebe-se que este foi um período de grandes dificuldades para a inserção das mulheres no mercado. Atualmente podemos entender o mundo sem o maniqueísmo que toldava a visão dos críticos no início do século XX, tal condição, permite-nos compreender melhor as mudanças que vieram na esteira do fim do Império Ultramarino Português; após isto, presenciamos o surgimento das novas nações africanas independentes, segundo registra Aparecida Santilli (1985a e b).

Contudo, na esteira dessa libertação, também acompanhamos o surgimento das Guerras Civis fratricidas em Angola, Moçambique e na Guiné-Bissau, que legaram aos povos africanos desses países o seu próprio quinhão de sofrimentos, tal qual aconteceria anos mais tarde nos exterritórios que forçosamente fizeram parte da União Soviética. Hoje percebemos historicamente o quanto as Guerras Civis Africanas conformaram-se como desdobramentos da Guerra Fria, nos mesmos moldes que o foram as ditaduras de extrema direita praticadas na América Latina, por fim, todos esses eventos impactaram as questões de gênero negativamente, retardando o seu desenvolvimento na África.

Apesar dos Cravos, a década de 1970 parece ser o momento mais propício para o surgimento da escrita das mulheres dado o seu apelo nacionalista e de autoafirmação, que impacta, positivamente, as novas nações africanas. Contudo, nem tudo foram flores depois do advento da Revolução dos Cravos, pois, se o Estado Novo Português possuía o rosto do “tuga”, do estrangeiro, do colonizador, facilmente identificado como o inimigo a ser superado, a partir de abril de 1974, a luta das mulheres africanas dá-se em novas frentes, novas trincheiras, impossíveis de serem delimitadas com a mesma clareza.

No pós-25 de abril, a luta das mulheres ocorre em locais muito mais próximos, instaurados no seio das próprias famílias, barreiras tão antigas formadas por resistências imemoriais. O adversário já não é mais o colonizador/estrangeiro, trata-se do combate às tradições patriarcais arraigadas em milênios de história familiar, entrecortadas do mais profundo viriarcado ancestral, irracional, muitas vezes centrado em ritos tribais, que operam nas entrelinhas, nos interditos, nos interstícios das novas sociedades nacionais independentes, mas que se encontram imersas na Guerra Fria.

O combate pela equidade de gênero será travado individualmente contra um inimigo capilarizado na sociedade por combatentes invisíveis, pois “[as mulheres] são invisíveis” (PERROT, 2008, p. 16) e excluídas da história, conforme outra definição de Michele Perrot (2006), que ecoa no

questionamento de Edite Estrela: “Onde estavam as mulheres no 25 de Abril?” (ESTRELA, 1999, p. 51). A percepção da ausência sistemática das mulheres na história portuguesa, que contava já na época com uma classe média bastante avançada, com acesso à educação formal, permite imaginar a situação das mulheres nas colônias, cujas infraestruturas social e educacional praticamente inexistiam.

Percebe-se, com isto, que as mulheres estavam submetidas ainda na segunda metade do século XX a um ostracismo avassalador; claro está que os registros de Edite Estrela apontam para uma visão centrada no modelo da velha história, tradicional e patriarcal. O caso torna-se mais agudo, sobretudo, tendo em mente não só a exclusão, mas também, a sua consequência direta: a pouca participação das mulheres num setor essencialmente dominado pelos homens, o mercado editorial.

Da época em que Edite Estrela faz o recorte até a contemporaneidade, ainda permanece o patriarcalismo como modelo social, uma vez que, grosso modo, predomina a visão calcada nos grandes momentos emblemáticos e agônicos, protagonizado por homens. Sobre esse tópico, há que se considerar a possibilidade do estudo dos Cravos pela ótica da Nova História (LE GOFF, 1990; PERROT, 2006 e BURK, 2010) e da Hermenêutica do Cotidiano (SILVA DIAS, 1988 e SOHIET, 1997) que possivelmente trarão luz nova sobre a questão. São estes enfoques teóricos que guiam nosso olhar não só sobre as consequências da abertura política e da redemocratização em solo lusitano, mas, principalmente, no que tange à participação das mulheres nas ex-colônias portuguesas, em específico com o intuito de identificar, quantificar, qualificar o percurso histórico de evolução da escritura de autoria feminina, servindo, de alguma maneira, também como braço da Nova História e da Hermenêutica do Cotidiano para a compreensão do protagonismo feminino em última análise.

As formulações levadas a cabo por Regina Dalcastagnè em seu trabalho intitulado *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004* podem ser transpostas para as séries africanas em estudo, os dados apresentados apontam para uma dominação masculina no mercado editorial brasileiro na casa dos 72,7% (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 31). Tal fator de representação de gênero também pode ser observado no caso dos PALOP, em proporção análoga ou maior do que a do Brasil.

O crescente interesse pela literatura africana de língua portuguesa produzida por mulheres, as sucessivas pesquisas e a circulação dessas obras, sejam literárias sejam dos estudos críticos, sugerem um crescimento significativo e progressivo da participação feminina no campo editorial ao longo do século XX. Nesse sentido, passamos a perseguir os números comprobatórios desse avanço, a fim de responder às questões: houve um crescimento progressivo da participação das mulheres no mercado editorial?

Qual é de fato essa participação? Que números a representam? O que os números significam?

Como já foi destacado, a base dessa investigação se dá pelo confronto de um discurso intuitivo que parte do pressuposto de que no período pós-colonial houve um grande avanço na participação efetiva da mulher no mercado editorial. Nesse sentido e, em defesa prévia, não estamos tratando a questão apenas quantitativamente, mas qualitativamente também, pois os números irão revelar qual foi o caminho, de fato qual o nível da participação das mulheres na vida social e intelectual do mundo lusófono. Portanto, trata-se da discussão do acesso das mulheres a um dos maiores baluartes do poder patriarcal, historicamente, reduto de sua resistência, pois a palavra empoderou.

Para atingirmos o nosso principal objetivo tomamos como ponto de partida a compilação realizada pelo Professor Doutor Tony Simões da Silva, intitulado: *L’Afrique écrite au féminin — les auteures lusophones*³, realizado para a *Discipline of European Languages and Studies, da University of Western (Austrália)*, em 1999. Estudo que se compõe de levantamento nominal e bibliográfico de escritoras africanas lusófonas.⁴

Cotejamos o trabalho inicial de Tony Simões da Silva e acrescentamos outras informações obtidas nas obras: *Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa*,⁵ *Bibliografia das Literaturas*

³Temos que considerar o termo “autores lusófonos” neste momento não no sentido de autores que desenvolveram a temática africana em seus escritos, mas, para, além disso, como autores “africanos”, pois o próprio autor indica autores e obras por nacionalidade dos PALOP e não por identidade nacional, como são vários os casos de escritoras eminentemente cidadãs portuguesas, contudo se o próprio autor as identificou como sendo angolanas, cabo-verdianas, guineenses, moçambicanas e santomenses não seremos nós a retirá-las da compilação. Historicamente compreendemos a necessidade de discussão desses parâmetros, assim como entendemos o desafio e a dificuldade que tal empreitada representa, principalmente em função do trânsito de pessoas no período colonial e mesmo no período pós-colonial, porque as relações sanguíneas/históricas desses países encontram-se indissociavelmente atreladas neste momento das recentes independências, coisa que se considerado, e consideramos, o Brasil como grupo de controle e espelho histórico do mesmo caminho, vemos que os próximos 200 anos de independência do Brasil, tornaram esses laços muito menos apertados, chegamos a dizer, bastante distantes, pois não se vê no povo brasileiro contemporâneo um apego, sequer interesse nos laços históricos que nos unem, Portugal no imaginário brasileiro representa hoje o mesmo que os franceses, holandeses, italianos e outros povos, ou seja, uma percepção muito distante de nossos relacionamentos. Vê-se que os PALOP ainda mantêm uma relação muito estreita com um fluxo ainda constante de cidadãos africanos fixados em território português.

⁴ É certo que sua publicação inicial deu-se em 1999, entendemos que para o momento atual, há defasagem em seu conteúdo, necessitando um trabalho de continuidade, reformulação e ampliação, nessa espécie de vade-mécum da Literatura Feminina Africana. Mesmo com tal defasagem de informações, ainda é uma fonte extremamente operatória para nossas intenções analíticas.

⁵ Vemos que o mesmo se passa neste dicionário como o que ocorre em *L’Afrique écrite au féminin*, no cotejo das duas obras pudemos perceber que as posturas dos autores são bastante

Africanas de Expressão Portuguesa, nos volumes de *No reino de Caliban* e nos vários volumes dos *Encontros com escritores*, também abordamos a obra *Do Ravuna ao Maputo — antologia de autores africanos*. Depois do confronto dessas obras basilares e canonizadoras, consultamos outras fontes de informação, principalmente, via internet: associações de escritores, páginas pessoais das escritoras, jornais e blogs para preencher as lacunas encontradas referentes a autoras e obras ausentes ou dados incertos como ano de publicação, etc. Tal ação é importante, pois antes de 1990 quase nada existia nesse sentido, além de facilitar a complementação e verificação das informações, permite a elaboração de um quadro geral.

Ao final do processo de cotejo e busca adicional de informações, as mudanças mostraram-se pouco significativas na base de dados iniciais de dados (ou BID), confirmando a boa qualidade da publicação *L’afrique écrite au féminin*, em que pudemos fazer correções de duplicidade de autores, imprecisões de datas de publicação.

A comparação das fontes aponta para uma variação da origem das nacionalidades e de escolha na canonização literária. No trabalho de Tony Silva não há informação biográfica mínima sobre as escritoras, do tipo: nasceu, viveu, morreu, ou seja, a canonização não considera a questão do nascimento, vida e morte das escritoras. Vê-se com isto, tratar-se, no momento, de questão estéril, infinda por sua própria natureza, nos mesmos moldes da querela literária pela propriedade do Padre Vieira, disputado pelas séries brasileira e portuguesa. Evitamos esse abismo, aceitando a integralidade da canonização realizada pelo professor Tony Silva. Assim podemos seguir a diante.

Em função do exposto anteriormente, por não podermos alterar a essência do trabalho do professor Tony Silva, decidimos, no processo de cotejo, como método de canonização das escritoras, não acrescentar na BID todas aquelas que Aldónio Gomes (1998), Michel Laban (1998 a, b, c, d), Gerald Mozer (1983) ou Manuel Ferreira (1988) e Carlos Pinto Pereira (2015), em seus livros, indicaram do seguinte modo: “nasceu e morreu em Lisboa, esteve durante alguns anos em Moçambique, Angola e etc...”, pois entendemos que esse tipo de dado biográfico desautoriza apontar em tais situações as autorias como sendo caracteristicamente africanas.⁶ No processo de cotejo, ficamos apenas com as escritoras que nasceram no continente

similares, fator que nos induziu a tomar a decisão de considerar essas fontes como elas aparecem, pois é um tema bastante difícil, que quando abordado implicará num processo de revisão desses dados, será necessário definir alguns parâmetros como o que é realmente africano, português ou lusófono apenas.

⁶ Entendemos ser necessária uma revisão completa desse problema e pretendemos realizá-la, mas para este momento não haverá tempo e extensão suficiente.

africano e o tem como lugar de pertença, cujos laços familiares e imaginários lá se encontram instalados.

Com isso, o universo de escritoras apresentadas amplia-se para muito além daquelas elencadas por Tony Silva, porém deparamos com outros problemas a serem equacionados mais adequadamente no futuro: escritoras laureadas com prêmios em concursos, mas sem livros publicados; obras cuja temática não é claramente ficcional e publicações esparsas em periódicos e coletâneas. Por compreendermos que enquanto a mulher não edita, ela não incomoda e não ganha espaço no mundo falocêntrico, conforme define Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2010), cremos que a publicação em livro, seja esse momento da passagem da subalternidade para a superalternidade, do silêncio para o grito, como processo claro de empoderamento e assunção de voz. Em função desta opção teórica e de método, decidimos pelo descarte de escritoras sem livros publicados;⁷ com produções esparsas, apenas em coletâneas; com títulos publicados postumamente; portuguesas que apenas estiveram por pouco tempo nos PALOP e de autoras com obras de outra natureza que não sejam claramente ficcionais.

Essa opção restritiva levou a um decréscimo significativo no número de escritoras, situando o resultado final muito próximo ao encontrado em *L'afrique écrite au féminin*, ou seja, quase não se acrescentou nenhum nome aos que já figuravam nessa relação inicial. Entretanto, houve algum acréscimo significativo de títulos para várias escritoras, principalmente no que tange às obras publicadas posterior ao ano de 1996, possibilitando a correção de informações, houve casos em que a escritora aparecia com apenas dois títulos publicados e foram atualizados para seis, outro tipo de correção executada foram os poucos casos de escritoras com o seu nome (longo) decomposto em duas entradas diferentes.

A BID apresenta as escritoras de modo sistematizado, em ordem alfabética de sobrenomes, seguido dos títulos das obras publicadas, com a indicação das variadas edições e suas formas escritas. Para chegar aos números finais, optamos pelo descarte de todas as reedições do mesmo título; publicações por casas editoras diferentes ou obras editadas em diferentes

⁷ Temos com clareza a visão histórica da importância de algumas escritoras dotadas dentro de suas séries literárias, como por exemplo, Noêmia de Souza, sem livro publicado durante a vida, mas extremamente cultuada como grande escritora moçambicana, e mesmo assim, ainda figura em alguns lugares como sendo portuguesa, pois nasceu em Maputo, estudou no Brasil, morando em Portugal teve que exilar-se na França, após o 25 de abril voltou a morar Portugal onde morreu. Entendemos que o percurso africano é bastante diverso do português e do brasileiro, sabemos que é impossível relativizar todas as variáveis que envolveram as ex-colônias do ultramar desde o início das campanhas libertárias iniciadas em 1961, até a consecução da autodeterminação.

países, ou seja, levamos em consideração, única e exclusivamente, a primeira edição de cada título publicado. O resultado final do confronto das fontes bibliográficas foi a formação da BID que consiste de 148 (cento e quarenta e oito) escritoras produtoras de 343 (trezentos e quarenta e três) títulos.

Depois do percurso acima descrito e das forçosas escolhas, obtivemos os números apontados no gráfico 1 — autoras *versus* números de títulos publicados:

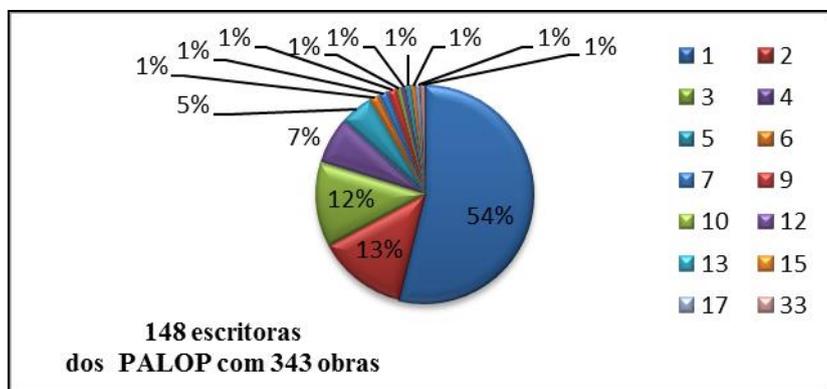


Gráfico 1 – Universo de 148 autoras com 357 títulos publicados.

Como se vê, os dados obtidos apontam para um predomínio de escritoras que durante a vida publicaram muito pouco. Assim, o gráfico 1 registra a ocorrência de 51% de escritoras com publicação de título único; 14% de escritoras com 2 títulos e 13% de escritoras com 3 títulos publicados. Ou seja, descortina-se uma situação em que 78% da literatura publicada por mulheres tem pouquíssima ou quase nenhum exercício do processo de escrita. Diante desse panorama, temos que relativizar os dados. Portanto, levamos em consideração fenômenos semelhantes, como o que ocorreu com os escritores como Raul Pompéia ou Eugênio Nobre, autores de importantes títulos únicos em suas séries. Ponderamos também a importância de autoras que contam somente com obras esparsas, como é o caso de Noêmia de Souza, que não é considerada por nós para a composição do BID, por entendermos que essa forma de publicação não afeta o mercado editorial.

O que nos causa desconforto, sobremaneira, não é a excepcionalidade com que alguns escritores entram para a história literária, dado o caráter magistral de suas produções, são essas as gratas exceções à regra. No entanto, o estranhamento não está na sistematização das informações do gráfico 1, mas sim, surge da natural impossibilidade de estarmos diante de uma normatização da excepcionalidade, pois se assim

fosse, teríamos nos PALOP uma seara de genialidade nunca antes vista na história da literatura mundial, situação utópica, desejável até, mas, factualmente, impossível.

O gráfico 1 traduz, em números, uma realidade desconfortante sobre a qualidade do que se tem produzido até aqui, contudo cumpre sempre lembrar: o que está em pauta neste momento é o estudo da capacidade e da oportunidade de penetração das mulheres em espaços dominados pelo viriarcado.

Confrontados esses números do gráfico 1, subjaz o natural desconforto, nessa hora pesa-nos demais o fato de sermos brasileiros falando de realidades estrangeiras, e isso, do mesmo modo, deve ser relativizado, pois a realidade social e econômica em que nos inserimos oferece uma plataforma mais estável para o desenvolvimento da escrita feminina, mas apesar dessa estabilidade secular os dados apresentados por Regina Dalcastagné indicam a real situação. Sem qualquer comprovação científica a nossa percepção da participação da mulher nos mercados editoriais mundiais opera, intuitivamente, com números que traduzem imagens bastante diferentes da realidade; compreendido o fato de que são necessárias algumas aparas, relativizando esses dados de maneira comparativa, assim, partimos para elas.

Para ilustrar o exposto acima, basta uma simples consulta aos números apresentados no *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras 1711-2001*⁸, da Professora Nelly Novaes Coelho, possibilita, positivamente, identificar a presença de 1924⁹ (mil novecentas e vinte quatro) entradas de nomes de escritoras registradas na série brasileira. Dentre as quais, escritoras conhecidas do grande público, como Raquel de Queirós, com 17 (dezessete) títulos¹⁰ publicados por ela; ao lado de outras parcialmente desconhecidas do grande público, como Luiza Lobo, com 11 (onze) títulos. Há ainda aquelas com título único, muitas invisíveis, situadas em regiões periféricas, distanciadas geográfica, social, econômica e politicamente sem nenhum acesso às grandes casas editoras. E outras, como são os casos das escritoras do estado

⁸ Há que se notar a ausência de compilações tão abrangentes e sistematizadas como essa da Professora Nelly Novaes Coelho ou como a realizada pela Professora Conceição Flores, compondo-se ambos os trabalhos pedras-de-toque para nossas ilações.

⁹ Esse total transformado em média ponderada aponta 6,41 escritoras por ano, enquanto que dos PALOP alcançam apenas 2,1 escritoras por ano.

¹⁰ Neste ponto, torna-se necessário esclarecer que adotamos os mesmos pressupostos no método para considerar sobre de todos os autores aqui citados, apenas um título, edições, mudanças de casa editora, traduções ou seleta dos melhores trabalhos, normalmente serão descartadas.

de Rondônia, por exemplo, que não figuram no dicionário da Professora Nelly Novaes Coelho, como Nilza Menezes Lino Lagos,¹¹ com oito títulos publicados; ou jovens escritoras com apenas obra única publicada, como é o caso de Núbia Rodrigues¹² com único título, somente para citar duas ausências.

A conjuntura observada na série brasileira apresenta-se em situação análoga na série portuguesa. Quando observamos a publicação de Conceição Flores, o *Dicionário de escritoras portuguesas das origens à actualidade*, observamos um elenco de cerca de 2000 (duas mil) entradas. Claro está que os recortes temporais nas histórias literárias do Brasil e de Portugal levado a cabo por Nelly Novaes Coelho e Conceição Flores são muito mais dilatados do que o que estamos realizando nas literaturas dos PALOP, pois investigamos apenas o interstício que abarca pouquíssimos anos da história literária desses países.

Intuímos que a participação das mulheres mercado editorial africano idealisticamente poderia ser representada por uma reta utópica e ascendente. Temos que considerar que as séries literárias africanas, ainda em estágio embrionário, não apresentaram números nem ao menos próximos aos verificáveis em séries centenárias como a brasileira ou a portuguesa (para tanto, tornar-se-á necessário estabelecer uma reflexão que abarque a evolução *per capita* de escritores em seus países; também nessa mesma vaga far-se-á necessário iluminar esse espaço político, de tensões de gênero investigando os números relativos ao acesso ao letramento em seus mais variados níveis, fatores que só num trabalho futuro e mais profundo será possível efetuar).

Assim, no que se refere especificamente ao continente africano, também esperaríamos, após a participação iniciada, que o aumento fosse constante e configurasse um quadro imaginário ideal no qual a cada década dobrasse o número de mulheres escritoras com obras publicadas, conforme Ilustração 1:

¹¹ Nilza Menezes Lino Lago publicou os seguintes títulos: *A Louca que caiu da lua*, 1994; *Poções e Magia*, 1995; *Princesas Desencantadas ou a história das mulheres que ousaram sonhar*, 1996; *50 Mulheres*, 1997; *Fruta Azeda com Sal*, 1997; *Sina: troco ou vendo em bom estado*, 1999; *Dois Palavras*, 2000 e *Feitura*, 2003.

¹² Núbia Rodrigues de Oliveira publicou na cidade de Vilhena — RO o volume de poesias *Morte secreta*, em 2007, edição do autor.

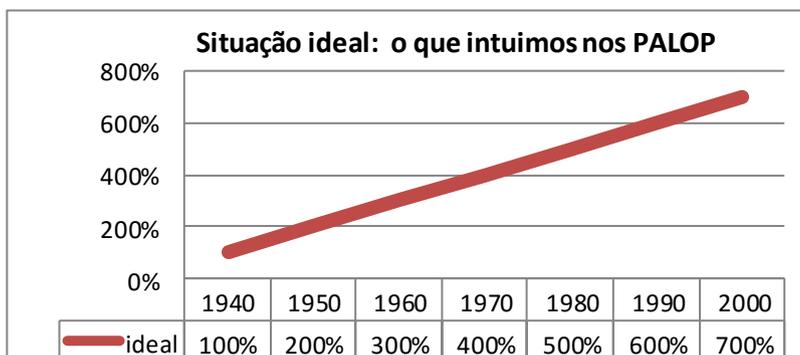


Ilustração 1. Representação da situação idealizada.

Se tal progressão aritmética fosse possível, factível, não só um desejo utópico, na primeira década do século XXI a produção atingiria espantosos 1.472 títulos publicados, dando origem a um gráfico com uma parábola ascendente vertiginosa, quase igualando as produções históricas de Brasil e de Portugal. Contudo, tais números idealizados opõem-se à dura realidade: entre os anos de 2000 e 2009, apenas 83 (oitenta e três) títulos de autoria feminina foram publicados nos PALOP, conforme o gráfico 2:

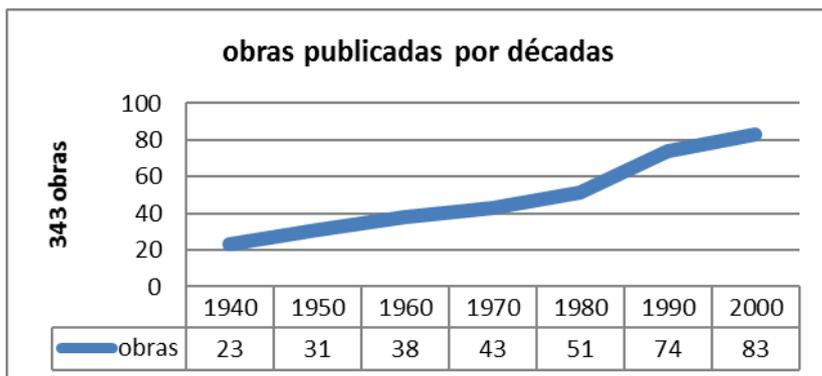


Gráfico 2 - obras publicadas por décadas

O que está em tela não são apenas os números frios, mas o caminho, este percurso que os números apontam. Entendemos, pois, não se tratar de assunto que possa ser mensurado exclusivamente através de médias

ponderadas ou por suas equivalências, nem mesmo apenas pela totalização de obras publicadas, como fizemos acima (num momento futuro, apresentaremos os outros cruzamentos de dados, problematizando-os) porque fazem parte de um sistema orgânico e complexo para além de números.

Pelo gráfico 2, observa-se, facilmente, que a linha é ascendente desde a década de 1940, prosseguindo o avanço no mesmo nível na década de 1950. Verifica-se que essas duas décadas apontam para um crescimento, porém, ainda assim, constata-se a baixa produção de títulos publicados. O baixo resultado deve ter sua origem provável na estagnação causada pela Segunda Guerra Mundial, apesar de não ter havido combates em solo português, por este ter se declarado neutro no conflito. Contudo, a influência direta da Segunda Guerra Mundial foi sentida não só no Império Português, mas também em todo o globo, ainda assim, restando muito dessa influência nociva na década de 1950 com o advento da Guerra Fria, pois o seu contágio e disseminação foram mais amplos do que o observado na Segunda Guerra.

Entre as décadas de 1960 e 70, os anos do início das Guerras de Libertação, a curva perde bastante força obviamente, devido aos conflitos em territórios coloniais africanos, os patamares de publicação ficam em apenas 7 títulos a mais entre 50 e 60 e menos ainda entre 60 e 70, com apenas 5 títulos publicados de diferença, com o cruzamento de dois conflitos armados não se podia esperar outra coisa em tal panorama político, social e cultural conturbados.

Naturalmente, os primeiros anos de autodeterminação não foram bons para as novas nações africanas. Mesmo não subdividindo os dados por países, nota-se o impacto que tiveram os sucessivos anos de guerra civil em Angola e Moçambique até a década de 1980. Porém percebe-se uma significativa reação no último decênio do século XX e primeiro do século XXI, período marcado pelo fim dos conflitos armados internos, em analogia com o impacto do fim da Guerra Fria para esse aumento na produção literária feminina. A pacificação nas novas nações e o treinamento dos quadros nacionais em sua autogestão e governança, possivelmente, favoreceram a elevação dos números observados no gráfico 2.

Convém recordar tratarem-se de números totais, não-particularizados, pois cada série possui as suas peculiaridades, traços característicos, distintivos que merecem, em momento oportuno, serem demonstrados e analisados, pois cremos que temos definido que o processo de evolução existe e é mensurável, mas necessita de outros desdobramentos para que se possa formar um quadro completo, aprofundado e preciso.

Até o momento é possível indicar apenas algum caminho como resultado inicial relevante. Os dois primeiros gráficos tratam de generalizações bastante amplas e simplificadas, que de maneira alguma refletem as individualidades e

peculiaridades das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e de São Tomé e Príncipe.

O processo de sistematização dos dados coletados sobre a produção dos títulos por décadas revela, quando comparados os resultados, os seguintes níveis relativos década a década: da década de 1940 para a de 1950 = 134,78%; de 1950 para a de 1960 = 122,58%; de 1960 para a de 1970 = 113,15%; de 1970 para a de 1980 = 127,9%; de 1980 para a de 1990 = 134,54% e de 1990 para a de 2000 = 112,16%.

Transpostos esses dados anteriores, como a progressão entre as décadas pudemos formar o Gráfico número 3, que segue, representando uma irregularidade inquestionável, muito longe da idealização imaginária de uma linha ascendente e regular, talvez a maior comprovação de que ainda há muito que se construir em termos de empoderamento das mulheres e de equidade de gênero em solo africano.

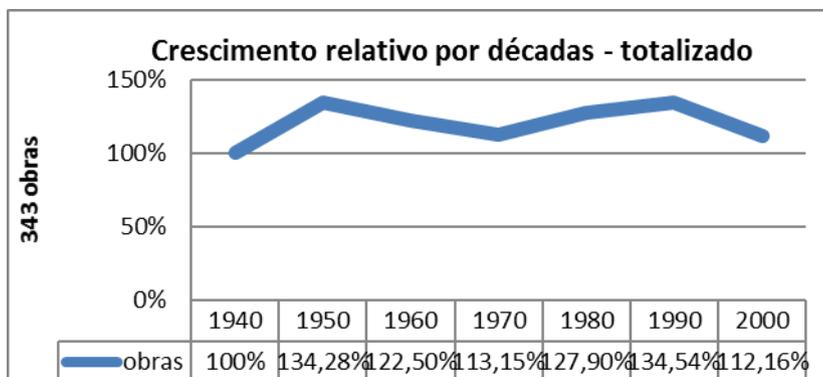


Gráfico 3 — percentual relativo da produção escrita

Se tal conhecimento somente podia ser atingido pela impressão e pela intuição, mas que agora, ao fim e ao cabo, podemos afirmar cientificamente que houve evolução histórica e social das escritoras africanas no mercado editorial em média simples de 20% década-a-década. Ao associarmos o pouco exercício de escrita (Gráfico 1) com a irregularidade na publicação (Gráficos 2 e 3) temos um quadro preocupante.

Se o Gráfico 3 aponta para a evolução da produção relativa, considerada década-a-década, o Gráfico 4, abaixo, sistematiza desde o nosso ponto zero (a década de 1940, com 100% de produção) tomado como base e termo de comparação proporcional de todas as décadas comparadas diretamente com o ponto zero, encontramos uma linha ascendente longe da intuição idealizada:

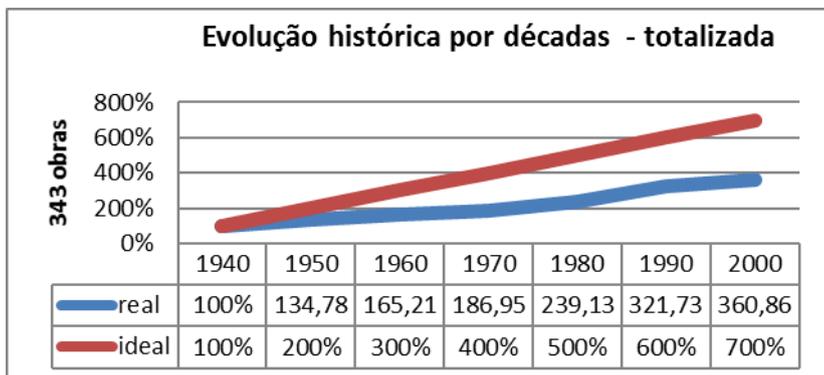


Gráfico 4 – percentual proporcional real da evolução escrita

Podemos constatar, que, apesar de o gráfico não indicar o que se esperava, uma reta ascendente, ainda assim, obtivemos uma totalização que aponta para um crescimento impressionante, quando considerado isoladamente, fator que explica em muito os motivos para a sensação equivocada de crescimento, ou seja, a produção na entrada do século XXI é de cerca de 3,6 vezes maior do que na década de 40 do século XX.

Mais do que os números presentes no gráfico 2, o gráfico 4 representa a consolidação de parte de uma mudança lenta e incontestável. Houve crescimento, paulatino, irregular mesmo no período colonial, tornando-se significativos os resultados já no período nacional, chegando ao primeiro decênio do século XXI com um aumento de produção da ordem de 360% nos 70 anos de história literária que investigamos, (porém esses dados têm que ser relativizados, individualizados e levados à comparação com os dados de crescimento populacional para que possam se tornar mais precisos.).

Sobre a participação das mulheres no mercado editorial africano, as obras que entendemos como canonizadoras, até 1999, aceitam uma vasta gama de escritoras, com variada tipologia de títulos, como são os casos de Angola e de Moçambique, com que trabalhamos até agora, apresentando 77 e 29 entradas de autoras respectivamente. Porém, mais modernamente, encontramos em Siepman & Silva (2015) e Matusse, Macuácuva & Neves (2015) números muito diferentes para os mesmos casos 8 e 15 entradas respectivamente, com o diferencial de elencarem apenas ficcionistas, da mesma maneira que Almada (2015) também apresenta nomes que até o momento não se encontram em nenhuma outra fonte, estes são pontos para serem tratados na continuidade da investigação.

Como não podemos concluir definitivamente, pois o trabalho que ainda está em processo, fica a confirmação de que o crescimento da participação das escritoras africanas de língua portuguesa é muito menor do que aquilo que a intuição nos diz, portanto, ainda há muito que caminhar no estudo desse tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, José Luís Hopffer. *Alguns marcos da emergência de novos paradigmas na poesia caboverdiana contemporânea*. Disponível em: <[http://www.asemana.publi. cv](http://www.asemana.publi.cv)>. Acesso em: 27 mar. 2015.

Dicionário de autores angolanos. Disponível em: <http://www.embaixadadeangola.org/cultura/literatura/autores.html>. Acesso em: 27 mar. 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília n. 26, p. 13-71, jul.- dez. 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. *Projeto 17: História — trabalhos da memória*. São Paulo: Editora da PUC, nov. 1998, p. 223-58.

ESTRELA, Edite. Onde estavam as mulheres? In: *Revista Camões: revista de letras e culturas lusófonas*. Lisboa: Instituto Camões, n. 5, 25 de Abril: A Revolução dos Cravos. abr.- jun. 1999.

FERREIRA, Manuel. *No reino de Caliban*. 3 ed. v.3. Lisboa: Plátano, 1988.

FLORES, Conceição. *Dicionário de escritoras portuguesas das origens à actualidade*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009.

FONTES, Francisco (Org). *Tchuba na desert*: antologia do conto inédito cabo-verdiano. Coimbra: Saúde em Português, 2006.

GOMES, Aldónio; CAVACAS, Fernanda. *Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1998.

LABAN, Michel. *Angola — Encontro com escritores*. v.2. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1998a.

_____. *Cabo Verde* — Encontro com escritores. v.2. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1998b.

_____. *Moçambique* — Encontro com escritores. v.3. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1998c.

_____. *São Tomé e Príncipe* — Encontro com escritores. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1998d.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MATUSSE, Gilberto; MACUÁCUA, Albino & NEVES, Osvaldo. (Orgs.) *Bibliografia sobre literatura moçambicana em português*. Disponível em: <http://www.catedra_portugues.uem.mz/?__target__=bibliografia-literatura-moc>. Acesso em: 27 mar. 2015.

MONTEIRO, P. M. *A noite escura e mais eu, de Lygia Fagundes Telles, e A casa dos mastros, de Orlando Amarílis: uma análise comparada*. 2000, 174 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – FFLCH/USP. São Paulo, 2000.

MOSER, Gerald; FERREIRA, Manuel. *Bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

NOVAES COELHO, Nelly. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

PEREIRA, Carlos Pinto (Org.). *Do Rovuma ao Maputo* — antologia de autores africanos. Edição eBooks Brasil. Disponível em: <<http://www.scribd.com>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Minha história de mulheres*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SANTILLI, Maria A.C.B. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985a.

_____. *Estórias Africanas* — história e antologia. São Paulo: Ática, 1985b.

SILVA, Tomé Varela da (Org). *Antologia da ficção cabo-verdiana*. v.3 – Pós-Claridosos. Praia: Editora AEC, 2001.

SIEPMANN, Helmut & SILVA, Beatriz de Medeiros. (Orgs.) *Bibliografia sobre literatura angolana em português*. Disponível em: <http://www.catedraportugues.uem.mz/?__target__=lista-bibli-literatura-angola2>. Acesso em: 27 mar. 2015.

SILVA, Tony Simões da. *L'afrigue écrite au féminin — les auteures lusophones*. Disponível em: <http://arts.uwa.edu.au/FEMECalireLU_fr.html. 1999>. Acesso em: 27 mar. 2015.

SOHIET, Raquel. História, mulheres e gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 95-114.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016